

Idealismo de professores faz a fama de duas escolas

Algumas escolas municipais, de tão respeitadas por pais e alunos, são exceções no quadro geral de problemas da rede de ensino. As escolas George Pfisterer, no Leblon, e Ana Frank, em Laranjeiras, são bons exemplos disso. Com uma clientela que sempre variou entre as classes baixa e média, elas começam a receber agora, numa época de crise econômica, os alunos da classe média alta atraídos pela fama do bom ensino público, gratuito.

Na Ana Frank, os pais reclamam da conservação e da limpeza do prédio, que a Prefeitura prometeu reformar. Quanto ao nível do ensino ministrado pelos professores, os pais não têm dúvidas em afirmar que é igual ou melhor que o dos colégios particulares.

Quase todos os professores da 1^a à 4^a séries têm formação superior, alguns com mestrado completo ou em curso. Mas, além disso, eles se desdobram para garantir o bom padrão da escola, contribuindo até com dinheiro do

próprio bolso para obras ou compras mais urgentes.

— Fazemos isso por idealismo, mas não sei até que ponto é positivo. Talvez devêssemos deixar tudo cair, para que a Prefeitura corrigisse suas falhas — afirmou Heloísa Macedo Costa, professora da 3^a série, também advogada e estudante de Pedagogia.

Com 23 salas de aula e três quadras de esporte, entre diversas dependências, a Escola George Pfisterer também reclama a realização de reforma. Considerada pelos professores como bem equipada — a maior parte dos equipamentos conseguidos através de campanhas dos alunos e da sociedade de amigos da escola —, a George Pfisterer também construiu sua fama às custas do bom desempenho dos mestres e participação dos pais.

— O envolvimento com a comunidade e a disposição de trabalho de todos os profissionais são a razão principal de termos um bom nível de ensino e relacionamento — afirmou a Diretora Antônia Andrade Cunha.